

**Ser-no-mundo *on-line*:
a investigação geográfica do habitar contemporâneo**

**Being-in-the-world online:
the geographical investigation of contemporary dwelling**

Henrique Fernandes Moreira Neto
Mestre em Geografia – Unicamp
moreirah.neto@gmail.com

Resumo

Uma relação simples conosco mesmos, com os outros e com o mundo é o princípio para o cultivo de uma existência autêntica. Existir autenticamente funda o habitar do homem. Habitar diz, cuidar da Terra, que é corpo, e na contemporaneidade a realidade do *on-line* suspende nossa realidade material voltando nossos modos de ser para a virtualidade, para a potência, deixando para segundo plano aquilo que é atual, aqui e agora. O exercício contínuo daquilo que não está aí praticamente, no mundo, nos faz cultivar novas maneiras de ser-no-mundo, junto às coisas e às pessoas. Nosso Ser-no-mundo se altera no campo da consciência e nossa corporeidade não acompanha as utópicas urgências do homem do século XXI. É possível uma Geografia investigar algo que não mais está no mundo prático, enquanto aí? Este texto busca pensar fenomenologicamente o habitar em sua constituição contemporânea no contexto do *on-line*, frente a necessidade vital de reconhecimento do Planeta Terra como nossa Casa Comum

Palavras-chave: Habitar, *On-line*, Experiência e Lugar, Fenomenologia, Geograficidade

Abstract

A simple relationship with ourselves, with others and with the world is the principle for the cultivation of an authentic existence. To exist authentically founds the dwelling of man; dwelling says, caring for the Earth, which is body, and in contemporaneity the reality of the online suspends our material reality by turning our ways of being to virtuality, to potential, leaving to the background what is current, here and now. The continuous exercise of what is not practically there in the world makes us cultivate new ways of being-in-the-world, close to things and people. Our Being-in-the-world changes in the field of consciousness and our corporeality does not accompany the utopian urgencies of man of the 21st century. Is it possible for a Geography to investigate something that is no longer in the practical world while there? This text seeks to think phenomenologically to dwell in its contemporary constitution in the context of online, facing the vital need of recognition of Planet Earth as our Common House.

Keywords: Dwelling; Experience and Place; Geographicity; On-line; Phenomenology.

Introdução – o estado do mundo contemporâneo

Inquirir o mundo, na contemporaneidade, é sem dúvida um grande desafio, principalmente quando consideramos suas configurações atuais comparadas ao mundo do século passado. Numa entrevista concedida ao monge tailandês Bhikku Maha Mani, transmitida pelo canal alemão SWR no ano de 1963 e publicada pelo Canal do *Youtube* 爱思蓝 (*Ài sī lán* - Ace Azul em tradução livre), o filósofo Martin Heidegger foi interrogado sobre como ele acredita que as pessoas possam entrar num processo de harmonia consigo mesmas e com o mundo. Ele considera essa uma tarefa difícil na atualidade pois “não temos nenhuma relação clara, simples e comum com a nossa realidade e com nós mesmos. Esse é o grande problema do mundo ocidental e a parte da razão da confusão de opiniões em todas as diferentes áreas” do conhecimento, do mundo e da vida (HEIDEGGER, 2014, min. 07:02 – parte 2/2). Frente à essas considerações, nos perguntamos: existiria um modo propriamente coerente de inquirir o mundo? E tão logo percebemos que não há um conjunto de regras para tal. Porém, o que Heidegger quis dizer com “confusão de opiniões” e com a ideia de não termos uma “relação clara, simples e comum”? E se não temos isso, o que no mundo contemporâneo promove a falta dessa relação?

Cientistas, filósofos, pensadores, religiosos e muitos outros atores argumentam e discutem sobre como está o mundo na contemporaneidade e como temos caminhado enquanto sociedade que acolhe a ciência moderna e sua revolução tecnológica como fundamento da existência como um todo. (ADAMS, 2005; BRETON, 2008; HARAWAY, 2009; LÉVY, 2001; MARANDOLA JR., 2014; MATURANA, 2014; SERRES, 2013). Desses, Michel Serres (2013) transita sumariamente entre os modos marcantes de ser no mundo da última década do século XIX e a segunda década do século XXI e acredita que num movimento retroalimentado, os homens mudaram o mundo, e este último mudou os homens, numa gradativa transformação do meio ambiente e da sociedade, apontando que, “entretanto, em todo o planeta, é ainda graças à terra que comemos.” (SERRES, 2013, p. 13). Para que continuemos comendo, graças à essa (T) terra, a compreensão de como estamos indo e de quais são os motivos pelos quais caminha a humanidade, mesmo que em termos gerais, se faz necessária porque vital.

Dos fenômenos contemporâneos mundiais, a *internet* é um dentre aqueles que mais influenciam nossas maneiras de ser e estar neste mundo, numa verdadeira “revolução da informação contemporânea.” (LÉVY, 2001, p.21). O desenvolvimento de dispositivos digitais e a posterior conexão em rede entre as máquinas fez surgir dimensões de existência antes nunca imaginadas (KOLB, 1998). O corpo humano como conhecido está deixando de ser a medida das coisas e das relações dos homens entre si e com o planeta. (BRETON, 2008). Bauer (1998) afirma que a partir dos anos 1980 empresas de telecomunicações começaram a construir redes de telefonia específicas para o tráfego de dados computacionais simultaneamente na Europa e na América do Norte.

No Brasil da década de 1990, segundo Demi Getschko (2015), essas conexões aparecem junto com o surgimento dos protocolos “www” e o conceito de *hiperlink*, até então mantidos apenas para uso acadêmico e militar, administradas pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e pelas Forças Armadas do Brasil. “Navegar na internet” foi um termo exponencialmente difundido a partir de então. “A sociedade, a economia e a política começam a fazer uso do novo meio. [...] estações de rádio e televisão difundem seus programas mundo afora pela *internet* [...]” (Bauer, 1998, p.196). Em mais uma maneira de ser-no-mundo, mesmo sem querer, estamos todos de algum modo *on-line*?

No Dicionário Escolar da Língua Portuguesa elaborado pela Academia Brasileira de Letras (2008), *on-line* é um termo do inglês norte-americano incorporado à língua portuguesa como consequência do uso social da *internet*, sendo sua tradução literal “em-linha” praticamente não usada. Estar *on-line* diz: estar disponível ao vivo numa rede de comunicação que conecta máquinas computadorizadas de informação. Pode-se estar *on-line* para acesso ao correio eletrônico (*e-mail*), acesso a um *site* na *internet* ou ainda para uma comunicação em tempo real com outras pessoas que estejam em outros lugares, em outros computadores ou dispositivos. Nesse sentido, o estabelecimento do modo *on-line* ocorre quando alguns requisitos e condições são satisfeitos.

No processo de evolução tecnológica dos sistemas digitais os computadores foram ficando cada vez menores e acessíveis economicamente, e a fixidez de um computador de mesa (*desktop*) ganhou a mobilidade dos computadores pessoais (*laptops*). (MARON, 1998). Paralelo e simultaneamente, o desenvolvimento de aparelhos celulares inteligentes (*smartphones*), junto com a miniaturização da computação de alto nível, proporcionou a

migração da conexão com a *internet* para o acontecer ordinário do mundo da vida cotidiana, quase que independente do lugar onde se esteja. (PEREIRA; SILVA, 2010).

Inaugura-se dessa maneira a ideia de virtual, que “vem do latim medieval *virtualis*, derivado por sua vez de *virtus*, força, potência.” (LÉVY, 2011a, p.15), proporcionada pelo digital e pelo *on-line* na presença e uso cotidianos das Tecnologias da Inteligência (LÉVY, 2011c), na emergência, configuração e disseminação da Cibercultura (LÉVY, 2011a). Lévy (2011b) aponta que o virtual em si não é algo novo, sendo comum a nós seres humanos virtualizar o mundo em nosso interior e atualizá-lo em nosso exterior pela linguagem, no processo do ato de pensar.

A entrada do virtual digital na sociedade é marcada pelo movimento contrário, quando descobrimos maneiras de suspender a realidade dada a nós, na forma do mundo, no processo de virtualização, nas máquinas computadoradas através de diversos *softwares*. (LÉVY, 2011a; 2011b; 2011c). Por consequência o conhecimento é simulado. “A simulação, portanto, não remete a qualquer pretensa irrealidade do saber ou da relação com o mundo, mas antes a um aumento dos poderes da imaginação e da intuição.” (LÉVY, 2011c, p. 127). Esse aumento de poder é possível pela substituição de ações humanas, passíveis de automatização, pela ação computacional. O que acontecia em nossas mentes agora acontece também fora de nós, num *microchip*, em seus periféricos e programas, e inaugura o ciberespaço (SERRES, 2013), como o “novo espaço de comunicação, de sociabilidade, de organização [...]” (LÉVY, 2011a, p. 32).

Esse é um quadro geral do mundo contemporâneo em relação à inserção e uso das tecnologias da informação na sociedade. Kolb (1998) aponta que quando o assunto é o impacto social das tecnologias de comunicação constantes no cotidiano, os otimistas estão maravilhados com as possibilidades de simulação da realidade, e os pessimistas vêem nessas tecnologias e na *internet* uma evolução no grau de degradação do ambiente e destruição do planeta, corroborando direta e indiretamente com as alterações diversas provocadas nos ecossistemas. A existência do homem, da natureza ou desta relação está em risco? “Ainda assim, o que ocorre em decorrência do uso dos computadores e da *internet* é uma alteração radical na relação do ser humano com ele mesmo, com seu próximo e com o mundo.” (KOLB, 1998, p.11).

Heidegger (2014), Kolb (1998) e Lévy (2011c) mostram preocupação com a relação que o ser humano tem com o mundo, com o outro e com ele mesmo, e é dessa perspectiva que, também, partimos. Na perspectiva do habitar, como podemos, de maneira holística, compreender essas relações? Existe algum campo científico que dê conta de compreender as maneiras pelas quais o *on-line* está dando novas configurações à essas relações?

O geógrafo Paul Adams quando faz uma análise do *self* contemporâneo, tendo como gatilho nossa realidade tecnológica, vem nos lembrar que não são apenas as relações humanas que passam por transformações junto das novas tecnologias e do *on-line*. Nosso entendimento do mundo e nossa extensividade geográfica está de certa maneira submetida às influências tecnológicas principalmente no artifício da comunicação à distância. “*When technologies seem to act on us, we have fallen prey to a fundamental Geographical misunderstanding: we have underbounded our definition of self.*”¹ (ADAMS, 2005, p.10).

Com o constante processo de virtualização, muda a natureza da relação que temos conosco mesmos, com o outro e com o nosso ambiente circundante. Adams (2005) relembra que quando essas relações eram estritamente diretas, estar com o outro e no mundo significava estar pontuado no tempo e no espaço, na presença do outro, no aqui e no agora. Na atualidade, estamos subordinados às nossas telas e monitores na artificialização da vida. (FRANCISCO, 2015). Breton (2008) provoca o pensamento a respeito do cuidado que temos tido com nosso corpo, numa escala menor, com nossas relações pessoais numa escala média, e com o planeta Terra numa escala maior. Que significa para nós mesmos nossa existência? Que tipo de cuidado estamos tendo para ser e estar num mundo que faça sentido para nós? (TURKLE, 2011).

Para ilustrar o que queremos mostrar como condição do habitar contemporâneo, observemos que na segunda-feira, 24 de agosto de 2015 a companhia de Mark Zuckerberg, a rede social conhecida mundialmente como *Facebook*, registrou um bilhão de acessos num mesmo dia, quando a rede possui ao todo aproximadamente 1,5 bilhões de usuários registrados. Zuckerberg comemorou: “1 em cada 7 pessoas na Terra usaram o Facebook para se conectar com seus amigos e sua família. Essa foi a primeira vez que alcançamos esse

¹ “Quando as tecnologias parecem agir sobre nós, nós nos tornamos vítimas de um mal-entendido geográfico fundamental: temos subestimado nossa definição de *Self*” – tradução livre.

marco, e é só o início da conexão de todo o mundo.” (BBC, 2015). Em seu perfil no próprio *Facebook*, e na mesma declaração ele comenta: “*A more open and connected world is a better world. It brings stronger relationships with those you love, a stronger economy with more opportunities, and a stronger society that reflects all of our values.*”² (ZUCKERBERG, 2015). Para Turkle (2011) o uso do *on-line* e principalmente das ferramentas que o possibilita, como *smartphones* por exemplo, é tão comum na atualidade que há um processo crescente e preocupante de naturalização (banalização) e valorização dessas tecnologias, enquanto mediadoras de nossas relações cotidianas e de nossa própria vida em relação ao meio ambiente.

O movimento da virtualização dessas relações nos desloca da necessidade geográfica de ser? Certamente estamos operando em outras dimensões do existir, vivendo em uma sociedade que incorporou o fazer autômato e que por isso muda tudo a todo instante (MATURANA, 2014). Além de comermos graças à terra (SERRES, 2013), nossa condição de vida neste planeta está ligada diretamente ao nosso corpo e à nossa consciência de nós mesmos, do outro e do mundo (VARELA; THOMPSON; ROSCH, 1993). Nossa experiência de mundo está indissociavelmente ligada à nossa existência. “O estudo da experiência humana é uma busca pelo homem, e, no caso da geografia, uma busca pela sua existência vinculada à sua referência espacial.” (MARANDOLA JR., 2005b, p.57). Marandola Jr. (2005a) e Adams (2005) concordam a respeito da natureza da nossa experiência no/do mundo ser uma experiência geográfica que se dá ontologicamente a partir do nosso corpo, numa geograficidade (*geographicité*). (DARDEL, 2011). A antropóloga Donna Haraway (2009), conhecida por estudar, também, qual o sentido do corpo na contemporaneidade frente a introdução de tecnologias avançadas, acredita que nós enquanto humanidade, estamos experimentando “formas inteiramente novas de subjetividade. Estamos falando seriamente sobre mundos em mutação que nunca existiram, antes, neste planeta.” (KUNZRU, 2009, p.23).

Os cientistas, e particularmente os geógrafos humanistas, têm mostrado preocupação com as questões da existência, do cuidar e do habitar, na experiência do mundo da vida cotidiana. A fenomenologia que, resumidamente, investiga o mundo em sua essência

² “Um mundo mais aberto e mais conectado é um mundo melhor. O que nos traz relações mais fortes com aqueles que amamos, uma economia mais forte com mais oportunidades e uma sociedade mais forte que reflete todos os nossos valores” – tradução livre.

a partir da escavação dos sentidos na suspensão dos preconceitos, escava um fenômeno àquilo mesmo que ele é como singular e universal. (DARTIGUES, 2005; DE PAULA & MARANDOLA JR., 2005; HUSSERL, 1986; MARANDOLA JR., 2005a; 2005b), e promove a abertura para a possibilidade de inquirir o mundo contemporâneo e pensar a postura desse cuidar. Que seria o *on-line* senão, também, um fenômeno? Pensar sobre habitar, cuidar, existência e sobre a condição humana contemporânea nos remete novamente ao filósofo Martin Heidegger.

Preocupado com a questão do Ser, no mundo moderno, e inaugurando uma nova Ontologia a partir da crítica da ciência e filosofia modernas e da autenticidade (*eigentlichkeit*) da existência do homem na era da tecnologia, Heidegger (2012) elabora um estudo que desvela uma das maneiras próprias de o homem existir na Terra, sobre a terra. Para esse filósofo, cuidar é a condição que erige um construir. Por sua vez “construir significa originariamente habitar.” (HEIDEGGER, 2012, p. 127). “Habitar seria, em todo o caso, o fim que se impõe a todo construir. Habitar e construir encontram-se, assim, numa relação de meios e fins.” (HEIDEGGER, 2012, p.126). Quando se refere ao construir e ao habitar, Heidegger sintetiza: “*Bauen*, construir é propriamente habitar; *Wohnem*, habitar, é o modo como os mortais são e estão sobre a terra.” (HEIDEGGER, 2012, p.128).

Investigando o mundo contemporâneo: *on-line*, experiência cotidiana e lugar

A partir dessa nova realidade, no mundo contemporâneo a humanidade está fadada a “não mais fazer a experiência de que habitar constitui o ser do homem, e de que não mais se pensa, em sentido pleno, que habitar é o traço fundamental do ser-homem.” (HEIDEGGER, 2012, p.128). Para ilustrar a proposição, até sabemos manusear um *smartphone*, mas não nos perguntamos, nem entendemos, quais as leis fundamentais que o fazem funcionar, quais princípios ônticos e ontológicos operam sobre seu existir. Essa ignorância nos tira a possibilidade de experienciar genuinamente algo, principalmente quando fazemos a utilização cotidiana desta ou daquela tecnologia e não compreendemos de fato sua constituição e seu operar. (HEIDEGGER, 2014; SCHUTZ, 2012). Num mundo dominado

pelo princípio tecnológico, cultivamos um habitar inautêntico, impróprio (*un-eigen*), que não pensa e nem reflete; que apenas se entrega às imediatas urgências do ser-homem.

As duplas conceituais autenticidade-inautenticidade, e propriedade-impropriedade, segundo a ontologia heideggeriana, são o jogo constituinte próprio da natureza do *Dasein* como ser-no-mundo – enquanto isso mesmo que o homem é, como húmus (*homo*) que veio da terra e para ela volta (HEIDEGGER, 2012a, p.551). O problema do cultivo da inautenticidade é justamente a promoção e conseqüente perpetuação do esquecimento do ser. Neste sentido, esquecer o ser é o que torna imprópria a experiência humana da Terra³, gerando a nossa identificação com as coisas artificiais e aparatos técnicos que produzimos, ao passo que nos afastamos da experiência das coisas próprias da terra. Isso nos leva a um afastamento ontológico não só da Terra como também da terra, fazendo com que naturalizemos um comportamento predatório em relação ao ambiente natural, este último atualmente visto apenas como fonte de recursos e estoque energético. (FOLTZ, 2000; KRONBAUER, 2015).

Aquilo que é mais perturbador, aquilo que causa o maior incômodo, se tentarmos pensar e falar sobre isso, é que a tecnologia se está a tornar corriqueira. Aquilo que é verdadeiramente misterioso não é a tecnologia enquanto tal mas a dominância acelerada do tecnologia no nosso mundo, juntamente com a nossa inabilidade para confrontar esta transformação reflexivamente. (FOLTZ, 2000, p.109).

A justificativa para investigar o habitar contemporâneo no contexto do estar *online* é a necessidade de compreender o nosso mundo tal qual ele se encontra. Assim como a possibilidade de construção de conhecimento e caminhos metodológicos que, além de poderem sustentar um diálogo interdisciplinar que seja geográfico e fenomenologicamente concebido, inclua nessa geografia não apenas a relação que o homem tem entre homens e com seu meio, mas o cuidado necessário de devemos ter em relação à (T)terra frente a problematização da condição humana na contemporaneidade e sua própria constituição enquanto ser geográfico, o que implica, na contemporaneidade, a interface e os fundamentos

³ A grafia peculiar “Tterra” faz referência à ideia de que não estamos lidando somente com o chão sobre o qual vivemos, nem estamos lidando apenas com o nosso planeta Terra. “Tterra” vem nos lembrar na indissociabilidade entre esses dois fundamentos da vida humana: Terra e terra, como pode ser visto em Moreira Neto (2018a).

do *on-line*. “De que modo ainda podemos continuar vivendo sobre a terra [?]. A resposta de Heidegger poderia ser: aprendendo a morar sobre ela, cultivá-la, trata-la com cuidado, ao invés de simplesmente explorá-la.” (KRONBAUER, 2015, p.36). Essa perspectiva requer uma intensificação na experiência que precisamos ter para com a própria terra na figura da natureza, para que consigamos perceber em que medida nós mesmos somos um elemento natural auto emergente e dotado de vida, porque dela vindo.

O esforço de uma investigação que carrega essas preocupações configura um campo abrangente na difícil tarefa de inquirir o mundo na atualidade, ao passo que desenha os traços iniciais do habitar contemporâneo e sua inevitabilidade geográfica enquanto constituição. Questionar que é esse habitar nos proporciona a consciência de que temos cultivado um modo de vida que não garante a própria vida. Esse modo tecnologicado de vida pode, inclusive a efeito de exemplo, ser questionado no âmbito do uso cotidiano do *smartphone* na experiência do aplicativo de troca de mensagens instantâneas de nome *WhatsApp*, cuja manifestação enquanto fenômeno se efetiva no uso da *internet* móvel, na concretização do estado *on-line*.

Um bilhão de pessoas estão fazendo uso contínuo deste aplicativo (*app*) para *smartphones*, conhecido mundialmente. O *app* é um servidor de troca de mensagens instantâneas, suportado pela maioria dos sistemas operacionais conhecidos, para qualquer pessoa que também o use. Essa marca de usuários para o *WhatsApp* foi registrada em 01 de fevereiro de 2016 e publicada por Mark Zuckerberg em sua página oficial no *Facebook*, uma vez que ele, na figura do *Facebook Corporation*, é também o proprietário do serviço do aplicativo *WhatsApp*. Seu objetivo explícito é conectar o mundo inteiro, deixando todas as pessoas *on-line*, principalmente em mobilidade. “*One billion people now use WhatsApp. There are only a few services that connect more than a billion people. This milestone is an important step towards connecting the entire world.*”⁴ (ZUCKERBERG, 2016).

Essa mobilidade e seus consequentes movimentos nos remete ao que Marandola Jr. (2013) chama de “geografia contemporânea” que, nesse diálogo interdisciplinar e no contexto da fenomenologia e da pós-fenomenologia, inaugura novas maneiras de fazer

⁴ “Um bilhão de pessoas agora fazem uso do *WhatsApp*. Existem apenas alguns serviços que conectam mais de um bilhão de pessoas. Este marco é um importante passo para conectar o mundo inteiro” – tradução livre.

geografia; uma Geografia Fenomenológica como mais um arcabouço de investigação geográfica da realidade contemporânea. Quando Heidegger é chamado para fundamentar as questões referentes ao habitar, é por entendermos que no plano filosófico do século XX, foi ele quem nos proporcionou uma reflexão sobre a espacialidade e as questões ontológicas na era da técnica, inclusive no campo da corporeidade.” (MARANDOLA JR., 2013, p.57). Todavia, quando consideramos a corporeidade na era da técnica, não estamos apontando simplesmente que o uso da *internet* móvel, principalmente no *smartphone*, expresse a dualidade entre o corpo virtualmente idealizado e o corpo material físico sistematicamente presente na concreção do mundo. Falamos das fundições apontadas desde Haraway (2009) em seu *Manifesto Ciborgue* até Don Ihde (1979; 2001) quando trata da questão do corpo mergulhado na tecnologia por via de uma filosofia da tecnologia inspirada na ontologia heideggeriana.

Para Ihde (2001), numa análise fenomenológica de nosso ser-no-mundo é fundamental que lembremos que nós somos corpo, principalmente quando os estudos sobre corporeidade são retomados pelos estudos científicos, culturais, filosóficos e social-ideológicos. A partir dessas considerações há para o autor três abordagens para o corpo: **1)** a importância de sabermos-nos conscientemente enquanto corpo que existe fundado na materialidade da terra; **2)** o fundamento das geografias do corpo culturalmente concebidos em sua mobilidade, movimentos e deslocamentos; **3)** o corpo em sua experiência de mundo pela extensividade própria doada pela tecnologia.

A concepção dessa tríade conceitual, pautada em ideias seminais de Heidegger e Merleau Ponty a respeito da extensividade do *Dasein* enquanto corpo, permite a compreensão da constituição da nossa identificação e associação da realidade atual para com a realidade virtual, promovendo as novas maneiras de sermos no mundo já mencionadas. A representação do real proporcionada pelas tecnologias, no contexto das relações que as pessoas têm entre si e consigo mesmas nos espaços e realidades virtuais, é então objeto de investigação para a compreensão das medidas e sentidos de nossa relação com a tecnologia e suas técnicas, em detrimento do esquecimento do ser gerado por essas relações. (IHDE, 2001).

Seria então possível o não esquecimento do ser em meio a um mundo tecnologicamente constituído? Podemos dizer que sim, e para que o ser não seja esquecido, precisamos habitar, e desta maneira voltaremos a sentir-nos ligados à (T) terra, numa

geograficidade enquanto estado original de tudo que é na (T)terra. Não significa que precisamos negar as tecnologias, pelo contrário. Significa que precisamos refletir sobre nossa relação com elas e (re)significa-las autenticamente, não colocando-as na condição de constituinte de nossas relações com o mundo, e sim pensando-as como meio que nos permitirá habitar autenticamente.

Novamente, não podemos esquecer que, como nos lembra Michel Serres (2013), é graças à terra que comemos. Poderíamos então, dessa maneira, experienciar a natureza de outro modo que não o atual - um modo fundado no habitar - não deixando que as tecnologias nos afastem da natureza impedindo-nos de fazer uma experiência genuína dela, fazendo com que não nos reconheçamos mais como parte dela. É no habitar que isto é possível, segundo a análise de Kronbauer (2015), e é pelo habitar que temos a oportunidade de novamente fazer uma experiência originária da terra, retomando, ontologicamente, esse saber-se ligado à ela, numa geograficidade. (DARDEL, 2011).

Cuidar está na raiz do habitar, que pelo cultivo resguarda o ser do que está sendo cuidado, permitindo que isto ou aquilo seja. Numa análise das raízes de sua língua materna, Heidegger conclui, fenomenologicamente, que o habitar é o modo pelo qual nos encontramos na Terra, que somos homens sobre esta terra. Em alemão *Ich bin* diz *eu sou/estou* e o verbo *sein* (ser/estar) em sua forma pessoal *bin* é a raiz de *Bauen*, construir, cultivar, habitar. “O homem é à medida que habita.” (HEIDEGGER, 2012, p.127). Que somos? Nós, habitamos?

O advento da tecnologia e as possibilidades de investigação geográfica

Um modo geográfico de ser funda a existência do ser humano, e por isso a preocupação essencial do pensamento contemporâneo está concentrada em analisar e compreender justamente estes sistemas técnicos que possibilitam o desvelamento de outras realidades possíveis, no que tange por exemplo à estas novas práticas de comunicação *on-line* incorporadas à nossa vida cotidiana. Essa consideração nos leva a questionar a maneira pela qual a sociedade tem se colocado em relação ao ambiente, respondendo aos riscos e perigos aos quais é submetida, tendo como mediadora a *internet* na forma do *on-line*. (MOREIRA NETO, 2017, p.149). Essas maneiras de se colocar erigem um autêntico habitar?

Várias são as manifestações da relação sociedade–ambiente, ou homem–meio, e inúmeras também são as maneiras de analisar e compreender essas relações quando pensamos nos aparatos técnicos que, na contemporaneidade, constituem o nosso mundo e consequentemente as nossas relações. Por tanto, compreender a constituição do habitar contemporâneo frente ao *on-line* no cuidado com o planeta Terra (MOREIRA NETO, 2015) nos aproxima dos campos da Epistemologia, da Experiência Geográfica e da categoria de Lugar, dentro do campo da Geografia Humanista Cultura, junto aos estudos de Riscos e os estudos sobre Vulnerabilidade (MOREIRA NETO, 2016, p.314).

Uma realidade tão concreta, presente e vigente, e ao mesmo tempo tão volátil, ausente e sutil, como o *on-line*, se nos revela como um desafio pertinente e necessário na tarefa da investigação geográfica. Quando escrevemos *on-line*, fica incluído aí tudo que o possibilita que os aparelhos equipados com microprocessadores, e que configuram a vida cotidiana necessária para que as pessoas se identifiquem com o mundo contemporâneo, estejam em rede. A partir da década de 1990 conceber esses aparelhos sem essa possibilidade de estar em rede era uma perda de recursos e de oportunidades. (CASTELLS, 1999). Estar *on-line* é estar dotado de um desses aparelhos que possuam acesso à rede mundial de computadores, a *internet*, e interagir com outras pessoas ou computadores em tempo real, independentemente da situação geográfica destes. (BARRETO, 2002).

Com o advento das tecnologias comunicacionais foram surgindo novas formas de sociabilidade em todos os aspectos da vida cotidiana das pessoas, como consequência direta da emergência e sucesso do que Santaella (2015) chamou de “era ecológica”, por conta de uma cultura de conexão contínua através da tecnologia computacional móvel. Por sua vez, essa cultura proporcionou o surgimento dos *smartphones* que, “além de permitir a comunicação on-line, [estes] dispositivos móveis permitem a conexão ininterrupta à *internet*, sem limites de espaço e de tempo” (SANTAELLA, 2015, p.52).

O aspecto ininterrupto das conexões móveis fez surgir interfaces comunicacionais que ligam diretamente as pessoas, em suas necessidades de estabelecer e manter os laços sociais diversos desde contatos de trabalho até o seio familiar. Essa demanda é apresentada por Recuero (2008) não apenas como tal, ao passo que as pessoas fazem seu uso, mas como um produto social na medida em que inaugura mais um tipo de ambiente para que as relações sociais ocorram. (RECUERO, 2008). Em nossa leitura a partir das contribuições de Santaella

(2015) e Recuero (2008), esse novo ambiente inaugura, sem precedentes, uma nova maneira de nos colocarmos nos espaços e nos lugares, conosco mesmos e com os outros, reificando o que Serres (2013, p. 29), chamou de novas maneiras de ser no mundo.

“A smartphone allows people to tell stories anytime and place, but it allows those stories to include images from where the storyteller is. Messaging technology becomes part of the palette of meaning and content production.”⁵ [...] (O’HARA *et al*, 2014, p.3). A compreensão do ser-no-mundo na era da técnica, pelo fundamento do *on-line*, passa diretamente pela consideração de que os ambientes digitais virtuais de sociabilidade, principalmente na modalidade comunicacional, acabam assim por configurar uma maneira de habitar. (O’HARA *et al*, 2014).

Postulado por Alfred Schutz (2012) em sua sociologia compreensiva, baseada nos trabalhos de Weber e Husserl, a observação social direta como modo de investigação, nos permite experienciar o mundo pela observação da relação que as pessoas têm com seus lugares e, entre si, no acontecer de um “fluxo único que chamaremos de *presente vívido*”, no bojo do mundo da vida cotidiana. (SCHUTZ, 2012, p.82 – itálico do autor). No diálogo da geografia com a abordagem desta disposição para estar-no-mundo temos um trabalho de campo propriamente coerente (DE PAULA; MARANDOLA JR., 2005) que, sendo o modo geográfico de investigação por excelência, possibilita “a experiência [do pesquisador] de estar no mundo” (DAL GALLO, 2015, p.4), assim como a experiência da vivência cotidiana.

Experiência é o elemento próprio que marca um acontecer fenomênico, o que “significa lidar com a dimensão material e imaginal do mundo ao mesmo tempo.” (MARANDOLA JR., 2008, p.99). “A experiência é a atenção ‘voltada’ para os objetos, sejam estes reais ou imaginários, materiais ou ideais; e todos esses objetos são ‘intencionados.’” (SCHUTZ, 2012, p. 16). A partir do trabalho de campo fundado na investigação da experiência temos uma geografia pautada na “postura fenomenológica” (DE PAULA, 2010, p. 47), que por sua vez, dentro do campo das geografias preocupadas com a produção de conhecimento a partir das “próprias coisas” (HUSSERL, 1986, p.41), é concebida como Geografia Fenomenológica (CORREIA *et al*, 2010; DARDEL, 2011; HOLZER, 2012; MARANDOLA JR., 2014; MOREIRA NETO, 2015; 2016; 2017).

⁵ “Um smartphone permite às pessoas contar histórias a qualquer hora e lugar, permitindo que essas histórias incluam imagens de onde a pessoa está. Tecnologias de troca de mensagens tornam-se parte da paleta de significados e produção de conteúdos” – tradução livre.

Cotidiana é nossa experiência de/no mundo, e a sociologia reflexiva de Melucci (2005) nos apresenta a noção de cotidiano como um recorte metodológico para tratar uma pesquisa no campo das ciências humanas (STECANELA, 2009; DURAN, 2012). Por isso é fundamental considerar que já nascemos inseridos em nossa cotidianidade, pois “a vida cotidiana é a vida do homem *inteiro*.” (HELLER, 2000, p. 17 – itálico do autor). Cotidiano ainda pode ser encarado aqui como o palco onde se dão “não apenas os objetos, mas também os viventes e os pensantes.” (LEFEBVRE, 1991, p. 27).

A comunidade de homens e o “mundo da vida cotidiana”, como postula Schütz (2012, p. 42) travam relações na figura do mundo, e ao *locus* específico deste acontecimento chamamos lugar, enquanto na perspectiva da experiência (TUAN, 2013), e circunstancialmente concebido (MARANDOLA JR., 2012). Para a Geografia Humanista Cultural, como o campo de produção de conhecimento geográfico no qual nos encontramos, o conceito de lugar é tratado, também, como “um conjunto complexo e simbólico, que pode ser analisado a partir da experiência” por ser composto, constituído, principalmente, por relações intersubjetivas. (HOLZER, 2012 p.71).

Essas relações que as pessoas estabelecem entre si e seus lugares, e que se dão nos lugares da vida cotidiana, estão impregnadas de artefatos tecnológicos. A conexão com a *internet* é quase como regra para a pessoa do século XXI, o que envolve suas relações das mais diversas (BARGH; McKENNA, 2004; HODGETTS *et al*, 2010). A observação direta das pessoas em seus lugares pode ser um modo de investigação que, devidamente registrado sob a forma da escrita de diários, pode ser trabalhado fenomenologicamente, ou seja, sem que seja eleita essa ou aquela característica ou pressuposto antes da compreensão do quadro geral que se quer inquirir (ALES BELLO, 1998, p.35-36 *apud* MARANDOLA JR., 2008, p.103). Logo, temos que na confecção dos diários de campo, a mirada é a descrição fenomenológica (DE PAULA; MARANDOLA JR., 2005). “Através deste caminho, a descrição permite investigar tanto as experiências vivenciais quanto as cosmovisões estabelecidas na intersubjetividade.” (MARANDOLA JR., 2005a, p.73).

Geografia e fenomenológica conjugadas na pesquisa: do *on-line* ao habitar

A natureza fenomenológica de um processo de investigação do mundo contemporâneo pode ser entendida pelo desvelamento das coisas como elas são propriamente no caminhar do próprio processo investigativo. E como a realidade, mesmo que virtual, não está descolada necessariamente de sua facticidade, o acompanhamento das pessoas em seus lugares se nos mostra como essencial para proporcionar não só essa compreensão buscada como também a produção de um conhecimento que possa ser considerado existencial sem perder suas características científicas. (DAL GALLO, 2015). Neste ponto, em uma conversa sobre o tema pesquisado com qualquer pessoa, não devem existir os papéis do entrevistador e do entrevistado, para dar espaço a um contato que seja “narrativo, autobiográfico e interpessoal.” (CHANFRAULT-DUCHET, 1988, p.28 *apud* LALANDA, 1998, p.879). Experienciar junto com a pessoa o seu lugar pode nos proporcionar a possibilidade de, constatando a presença do *on-line*, compreender a dinâmica das relações praticadas, como experiências de habitar.

A partir dessas perspectivas, Lugar, por exemplo e geograficamente falando, deixa de apenas ter a materialidade factual e intersubjetiva (MOREIRA NETO, 2014) para ganhar a virtualidade real e digital que é própria da interação das pessoas em rede. Esse processo de envolvimento das pessoas via *internet*, na observação de seus modos de ser na rede (objetivos, comportamentos, preferências, manifestações), pode, também, ser investigado pela netnografia, e nela é buscado as experiências reais que as pessoas vivenciam, só que no espaço virtual no campo do *on-line* (KOZINETTS, 1997; MARKHAM, 1998). Uma pesquisa netnográfica se estabelece como aporte metodológico junto à uma geografia fenomenologicamente concebida justamente a partir de uma tentativa de fazer etnografia aos moldes antropológicos com um *lócus* diferenciado: o espaço cibernético (MONTARDO; ROCHA, 2005). Quando são tomados como artefatos culturais, as tecnologias que permitem o estado do *on-line* são usadas como ferramenta metodológica justamente por estar entendido que pessoas experienciam constantemente essas tecnologias, se mantendo, tanto quanto for conveniente no âmbito do querer e da possibilidade, *on-line* (HINE, 2000; 2005; SHAH, 2005).

Quando anunciamos a busca pela compreensão de algo, já queremos dizer que nosso caminho é bifurcado e segue entrelaçado. O primeiro caminho é o da interpretação hermenêutica de um fenômeno circunstancialmente delimitado. Tomando os diários de campo como caminho, confeccionados sob uma rigorosa descrição da experiência, temos condições de proceder com a análise do que foi registrado. Compreender o sentido de uma experiência é para Gadamer (2014), também, a experiência da compreensão de um sentido enquanto um acontecer (CÍA LAMANA, 2002). O segundo caminho é o da arqueologia fenomenológica como método que nos permite “uma indagação regressiva envolvendo cada uma dessas operações voltadas a determinar o sentido de alguma coisa até reconduzi-las às fontes últimas.” (ALES BELLO, 1998, p. 18, *apud* GHIGI, 2003, p. 49). Conjugando a hermenêutica de Gadamer com a arqueologia fenomenológica como colocada por Ales Bello, a partir de Husserl (GHIGI, 2003; CAPALBO, 2005; MARANDOLA JR., 2014; BARREIRA; VALÉRIO, 2015) temos condições de operar a investigação dos sentidos que conformam a realidade contemporânea: o *on-line* na dimensão do habitar.

Enquanto escava o fenômeno do ser-humano em busca de sua essência, Heidegger conclui que homem e mundo são indissociáveis, formulando o termo *Dasein*. Na primeira tradução brasileira de *Ser e Tempo* (HEIDEGGER, 2002), *Dasein* aparece traduzido por “presença”, para marcar o ser humano, ou “ser-aí”, literalmente do alemão (*Dasein*), na constituição de sua analítica como “ser-no-mundo” (HEIDEGGER, 2012a, p. 169). Aparecendo como sinônimos, *Dasein* e “ser-humano” fazem referência direta ao modo de ser do homem (DUTRA; ROEHE, 2014).

Com o sentido de habitar (CESAR, 2015), a partir das experiências de um trabalho de campo, é possível então lançar mão da compreensão do sentido do mundo para o humano, enquanto ser-no-mundo, em meio às tecnologias do *on-line* como mais uma forma de estar presente nesse mesmo mundo, enquanto ser-aí. Que significa estar-no-mundo quando esse “estar” é condicionado ou mediado pela relação que se estabelece com a *internet*, e com as coisas, as pessoas e a própria realidade, também via *internet*? Quando voltamos nossa atenção e nosso cuidado para as coisas que não estão aí na atualidade, estamos erigindo novas maneiras de habitar? Frente à essas novas coisas para cuidar, como o digital, o virtual e suas conexões que interligam as pessoas, onde se encaixa o cuidado necessário para com o mundo na emergência do habitar?

O que não podemos perder de vista é a busca pelo sentido daquilo que se apresenta na contemporaneidade como objeto da preocupação do ser humano que depende da terra para comer, e que despreza essa mesma terra em detrimento de suas invenções tecnológicas (ARENDDT, 2000). Logo, é mais que necessário buscarmos a compreensão do que significa, no mundo contemporâneo, estar *on-line*. Qual o sentido de estar-*on-line*? Como é possível habitar *on-line*? De fato, não mais fazemos “a experiência de que habitar constitui o ser do homem [...], que habitar é o traço fundamental do ser-homem”? (HEIDEGGER, 2012, p.128). É importante que, para além da investigação que busca uma compreensão, mantenhamos um senso questionador peculiar vivo, ao ponto de não nos deixar esquecer daquilo mesmo que somos. Porque não apenas o homem, mas os homens é quem habitam o planeta Terra. (ARENDDT, 2000, p.16). Se o homem é à medida que habita e esse “é” tem sua forma verbal pessoal em “ser e estar”, e quando consideramos que as condições do *on-line* são traços fundamentais da constituição do mundo contemporâneo, que significa ser-no-mundo, na presença do *on-line*, no âmbito do habitar?

Um processo de investigação geográfica atende à algumas urgências do ser humano quando compreende que os sentidos geográficos da temática do habitar no mundo contemporâneo, frente às tecnologias do *on-line* cotidiano, modificam essencialmente as maneiras de ser, de estar e de agir do homem na atualidade. Mudado o homem (sociedade), muda também o mundo (ambiente) e suas maneiras de se doar à relação com esse homem que o integra. Não descolada das circunstancialidades que lhes são próprias, uma pesquisa geográfica pode ser capaz de subsidiar investigações que se debrucem por questões análogas à essa preocupação, principalmente às que tangem o espaço de diálogo entre o homem e meio, sociedade e ambiente e as geografias que falem de vulnerabilidade, riscos e perigos, no âmbito da experiência, da existência, do ser-no-mundo, do lugar e do habitar, que também é uma necessidade geográfica de ser pois agora o nosso ser-no-mundo e tudo o que ser implica é, também, *on-line*.

Referências bibliográficas

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Dicionário escolar da língua portuguesa*. 2ª edição. São Paulo. Companhia Editora Nacional. 2008. p. 922.

ADAMS, Paul. *The Boundless Self: communication in physical and virtual spaces*. New York: Syracuse University Press, 2005. 252p.

ARENDT, Hanna. *A vida do espírito*. Tradução de Antônio Abranches e César Augusto de Almeida. 4ª ed. - Rio de Janeiro, RJ: Relume Dumará, 2000.

BBC BRASIL. *Pela 1ª vez, Facebook tem mais de 1 bilhão de usuários em um único dia*. 28 de agosto de 2015. Disponível em http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/08/150828_facebook_recorde_lab. Acesso em 04 de outubro de 2015.

BARGH, John A.; McKENNA, Katelyn Y. A.. The internet and social life. *Annual Review in Psychology*, n.55, s/p, 2004. Disponível em http://www.yale.edu/acmelab/articles/Internet_and_Social_Life.pdf. Acesso em 06 de março de 2016.

BARREIRA, Cristiano A.; VALÉRIO, Pedro H. M.. Arqueologia fenomenológica, fenomenologia genética e psicologia: rumo à gênese das manifestações culturais. *Psicologia USP*, vol.26, n.3, pp. 430-440, 2015. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/pusp/v26n3/1678-5177-pusp-26-03-00430.pdf>. Acesso em 20 de março de 2016.

BARRETO, A. A. O tempo e o espaço da Ciência da Informação. *Transinformação*, Campinas, v. 14, n. 1, p. 17-24, jan./jun. 2002. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/tinf/v14n1/02.pdf>. Acesso em 10 de dezembro de 2015.

BAUER, Gunter. A internet – passado, presente e futuro. In: Kol, Anton (org); ESTERBAUER, Reinhold (org); RUCKENBAUER, Hans-Walter (org). *Ciberética: responsabilidade em um mundo interligado pela rede digital*. São Paulo. Edições Loyola. 1998. p 193-204.

BRETON, David Le. *Adeus ao Corpo: antropologia e sociedade*. Tradução de Marina Appenzeller. 3ª ed. – Campinas, SP: Papius, 2008. 240p.

CAPALBO, Creusa. Fenomenologia e ciências humanas. *Memorandum*, n.9, pp. 155-156, 2005. Disponível em <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a09/capalbo01.pdf>. Acesso em 19 de março de 2016.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede* (A Era da Informação: economia, sociedade e cultura, vol.1). Tradução de Roneide Venancio Majer. 6ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CESAR, Constança Marcondes. Habitar poeticamente a terra. *PIDCC*, Aracaju, Ano IV, Vol.9, n.3, pp.2511-54, Out/2015. Disponível em www.pidcc.com.br. Acesso em 20 de março de 2016.

CÍA LAMANA, Domingo. Uma hermenêutica de la experiencia: Gadamer. *A Parte Rei*, n.22, julho, 2002. Disponível em <http://serbal.pntic.mec.es/~cmunoz11/page32.html>. Acesso em 16 de março de 2016.

CORREIA, Idalécia S. *et al.* Geografia Fenomenológica: espaço e percepção. *Caminhos de Geografia* – revista online, Uberlândia, v.11, n.35, pp. 173-178, set/2010.

DAL GALLO, Priscila. *A ontologia da Geografia à luz da obra de arte: o embate Terra-mundo em “Out of Africa”*. 2015. Dissertação de Mestrado. Programa de pós-graduação em Geografia. Instituto de Geociências da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) – Campinas, 2015.

DARDEL, Eric. *O homem e a terra: natureza da realidade geográfica*. Tradução de Werther Holzer – São Paulo: Perspectiva, 2011.

DARTIGUES, André. *O que é a fenomenologia?* Tradução de Maria J. de Almeida – São Paulo: Centauro, 2005. 152p.

DE PAULA, Fernanda Cristina. *Constituições do habitar: reassentamento do Jd. São Marcos para o Jd. Real*. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

DE PAULA, Fernanda C. ; MARANDOLA JR., Eduardo . Em busca do homem no espaço: o trabalho de campo na Geografia Humanista. In: I Encontro Temático de Geografia do Norte do Paraná - XXI Semana de Geografia, 2005, Londrina. *Anais*. Londrina: AGB-Londrina, 2005.

DURAN, Marília C. G.. Uma leitura do cotidiano escolar com Michel de Certeau. *International Studies on Law and Education*, 12, set/dez, pp. 43-48, Universidade do Porto, 2012. Disponível em <http://hottopos.com/isle12/43-48Marilia.pdf> . Acesso em 11 de março de 2016.

DUTRA, Elza; ROEHE, Marcelo Vial. Dasein, o entendimento de Heidegger sobre o modo de ser humano. *Avances en Psicología Latinoamericana*, Bogotá/Colombia, vol. 32, pp. 105-113, 2014.

FOLTZ, Bruce V. *Habitar a Terra: Heidegger, Ética Ambiental e a Metafísica da Natureza*. Tradução de Jorge Seixas e Souza. Lisboa, Instituto Piaget, 2000.

FRANCISCO. *Carta Encíclica Laudato Si’*: sobre o Cuidado da Casa Comum. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2015.

GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método I* – traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Tradução de Flávio Paulo Meurer. 14ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2014.

GETSCHKO, Demi. *O início da internet no Brasil*. In: Canaltech [vídeo] – Igor Lopes (entrevistador) 31 de agosto de 2015. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=8jxR4soAtz0>. Acesso em 28 de setembro de 2015.

GHIGI, Nicoletta. A hilética na fenomenologia: a propósito de alguns escritos de Angela Ales Bello. *Memorandum*, n.4, pp. 48-60, 2003. Disponível em <http://www.fafich.ufmg.br/memorandum/artigos04/artigo04.pdf>. Acesso em 18 de março de 2016.

HARAWAY, Donna. Manifesto Ciborgue. In: TADEU, Tomaz (trad. e org.). *Antropologia do Ciborgue: as vertigens do pós humano*. 2ª ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. 33 - 118p.

HELLER, A. *O cotidiano e a história*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 6ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo* – parte I. Tradução de Marcia Sá C. Schuback. 12ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. 325p.

_____. *Ensaio e conferências*. Tradução de Emmanuel C. Leão; Gilvan Fogel; Marcia S. C. Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012.

_____. *Ser e Tempo*. Tradução, organização, nota prévia, anexos e notas: Fausto Castilho. – Campinas, SP: Editora da Unicamp; Petrópolis, RJ: Vozes, 2012a.

_____. *Entrevista: Martin Heidegger e o monge Tailandês Bhikku Maha Mani - Parte 2/2* – SWR Channel, 1963. In: ACE AZUL (爱思蓝). [vídeo] – Bhikku Maha Mani (entrevistador) 9 de agosto de 2014. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=sCKnbTBzFvk> . Acesso em 28 de setembro de 2015.

HINE, Christine. *Virtual Ethnography*. London: Sage, 2000.

_____. Virtual Methods and the Sociology of CyberSocial-Scientific Knowledge. In: HINE, Christine (org). *Virtual Methods: Issues in Social Research on the Internet*. Oxford: Berg, 2005.

HODGETTS, Darrin J., *et al.* The mobile hermit and the city: Considering links between places, objects, and identities in social psychological research on homelessness. *British Journal of Social Psychology*, n. 49, pp. 285–303, 2010. Disponível em <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/19531282> . Acesso em 03 de março de 2016.

HOLZER, Werther. Mundo e Lugar: ensaio de geografia fenomenológica. In: Eduardo Marandola Jr.; Werther Holzer; Livia de Oliveira. (Org.). *Qual o Espaço do Lugar?*. 1ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2012, p. 281-304.

HUSSERL, Edmund. *A ideia da fenomenologia*. Tradução de Carlos Morujão. Lisboa: Ed. 70, 1986. 133p.

IHDE, Don. *Technics and Praxis: a philosophy of technology*. Editado por Robert S. Cohen e Marx W. Wartofsky. Boston Studies in the Philosophy of Science, vol. XXIV – Dordrecht: Holanda; Boston – E.U.A; Londres – Inglaterra: D. Reidel Publishing Company, 1979.

_____. *Bodies in Technology*. *Electronic Meditations*, vol. 5. Minneapolis - London: University of Minnesota Press, 2001.

KOLB, Anton. Ontologia e antropologia virtuais. In: KOLB, Anton (org); ESTERBAUER, Reinhold (org); RUCKENBAUER, Hans-Walter (org). *Ciberética: responsabilidade em um mundo interligado pela rede digital*. São Paulo. Edições Loyola. 1998. p 193-204.

KOZINETS, R. V. *On netnography: Initial Reflections on Consumer Research Investigations of Cyberculture*. Evanston, Illinois, 1997.

KRONBAUER, Luiz Gilberto. Heidegger e a questão da técnica: como habitar poeticamente a terra na era tecnológica. *Thaumazein*, Ano VII, v. 8, n. 16, Santa Maria, p. 25-38, 2015. Disponível em http://www.periodicos.unifra.br/index.php/thaumazein/article/viewFile/1394/pdf_1. Acesso em 14 de junho de 2016.

KUNZRU, Hari. “Você é um Ciborgue” – um encontro com Donna Haraway. In: TADEU, Tomaz (trad. e org.). *Antropologia do Ciborgue: as vertigens do pós-humano*. 2ª ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. 17 - 32p.

LALANDA, Piedade. Sobre a metodologia qualitativa na pesquisa sociológica. *Análise Social*, vol.XXXIII (148), (4º), pp.871-883, 1998.

LEFEBVRE Henri. *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo: Ática, 1991.

LÉVY, Pierre. *A Conexão Planetária: o mercado, o ciberespaço, a consciência*. Tradução de Maria Lúcia Homem e Ronaldo Entler. Ed. 34, 2001. 192p.

_____. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 2011a. 272p.

_____. *O que é o Virtual?* Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 2011b. 160p.

_____. *Tecnologias da Inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 2011c. 208p.

MARANDOLA JR., Eduardo. Arqueologia fenomenológica: em busca da experiência. *Terra Livre*, São Paulo, v. 2, n.25, p. 67-79, 2005a.

_____. Da Existência e da Experiência: origens de um pensar e de um fazer. *Caderno de Geografia*, v.15, n.24. 1º semestre. Belo Horizonte: 2005b. p.49-67.

_____. *Habitar em Risco: mobilidade e vulnerabilidade na experiência metropolitana*. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP – 2008.

_____. Lugar enquanto circunstancialidade, In: Marandola Jr., Eduardo; Holzer, Werther; Oliveira, Livia (Orgs.) *Qual o espaço do lugar?* Geografia, Epistemologia, Fenomenologia, São Paulo: Perspectiva. 2012. p.227-247.

_____. Fenomenologia e pós-fenomenologia: alternância e projeções do fazer geográfico humanista na geografia contemporânea. *Geograficidade*. Vol.3, n.2, inverno de 2013.

_____. *Habitar em Risco: mobilidade e vulnerabilidade na experiência metropolitana*. – São Paulo: Blucher, 2014. 248p.

MARKHAM, A. *Life online: researching real experience in virtual space*. Walnut Creek: Altamira Press, 1998.

MARON, Andreas. A globalização da economia com ajuda da tecnologia da informação e suas consequências sociais. In: KOLB, Anton (org); ESTERBAUER, Reinhold (org); RUCKENBAUER, Hans-Walter (org). *Ciberética: responsabilidade em um mundo interligado pela rede digital*. São Paulo. Edições Loyola. 1998. p 193-204.

MATURANA, Humberto. *A Ontologia da Realidade*. Cristina Magro; Miriam Graciano e Nelson Vaz, organizadores. – 2. ed. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. 414p.

MELUCCI, Alberto (Org.). *Por uma sociologia reflexiva: pesquisa qualitativa e cultura*. Petrópolis: Vozes, 2005a. p. 25-42.

MONTARDO, S. P., ROCHA, P. J. Netnografia. Incursões metodológicas na cibercultura. *Revista E-compós*, v. 4, Brasília, pp. 34-40, 2005. Disponível em: http://boston.braslink.com/compos.org.br/e%2Dcompos/adm/documentos/dezembro2005_paula_sandra.pdf. Acesso em 02 de março de 2016.

MOREIRA NETO, Henrique Fernandes. Aproximações da Autopoiesis com a Geografia humanista. *Geograficidade*, vol.4, n.2, pp. 87 – 93, Inverno de 2014. Disponível em: <http://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/12903/pdf>. Acesso em julho de 2016.

_____. A semente de Trúfula no solo da Educação Geográfica: Pensamento Ambiental e o cuidado com a Terra em “The Lorax” de Dr. Seuss. *Ciência Geográfica*, vol. XIX, n.1, pp. 119 – 133, Janeiro/Dezembro – Bauru, 2015. Disponível em http://www.agbbauru.org.br/publicacoes/revista/anoXIX_1/agb_xix1_versao_internet/Revista_AGB_dez2015-10.pdf. Acesso em julho de 2016.

_____. A abordagem fenomenológica em Geografia para o estudo da vulnerabilidade do lugar. *Revista Formação (Online)* Vol. 2; n. 23, pp. 311-317, abril/2016. Disponível em <http://revista.fct.unesp.br/index.php/formacao/article/view/4025/3364>. Acesso em julho de 2016.

_____. *Geografias do fim da vida: fenomenologia do ser-geográfico na enunciação da morte*. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018a.

_____. Reflexões sobre a experiência geográfica na era da tecnologia. *Ágora*, v.19, n. 01, p. 145-154, jan./jun., Santa Cruz do Sul, 2017. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/agora/article/download/8627/6135>. Acesso em junho de 2018.

O’HARA, K., MASSIMI, M., HARPER, R., RUBENS, S., & MORRIS, J. (2014). Everyday dwelling with WhatsApp. *Journal CSCW*, 2014. Disponível em <https://www.microsoft.com/en-us/research/publication/everyday-dwelling-with-whatsapp/>. Acesso em 5 de julho de 2016.

PEREIRA, Danilo Moura; SILVA, Gislane Santos. As tecnologias da informação e comunicação (TICs) como aliadas para o desenvolvimento. *Cadernos de Ciências Sociais Aplicadas*, Vitória da Conquista, n.10. 151-175p. 2010. Disponível em <http://periodicos.uesb.br/index.php/cadernosdeciencias/article/viewFile/884/891>

RECUERO, Raquel. Elementos para a análise da conversação na comunicação mediada pelo computador. *Verso e Reverso*. Revista de Comunicação. Porto Alegre, v. 22, n. 51, 2008. Disponível em <http://revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/view/6995/3976>. Acesso em 5 de julho de 2016.

SANTAELLA, Lúcia. A grande aceleração & o campo comunicacional. *Intexto*, Porto Alegre, UFRGS, n. 34, pp. 46-59, set./dez. 2015. Disponível em <http://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/58730>. Acesso em 5 de julho de 2016.

SHAH, N. PlayBlog: Pornography, performance and cyberspace. *Centre for the Study of Culture and Society*, Bangalore, 2005. Disponível em: <http://www.docfoc.com/playblog-pornography-performance-and-cyberspace-GmRA>. Acesso em 10 de março de 2016.

SERRES, Michel. *Polegarzinha*. Tradução de Jorge Bastos. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SCHUTZ, Alfred. *Sobre Fenomenologia e Relações Sociais*. Tradução de Raquel Weiss. Edição e organização de Helmut T. R. Wagner. Petrópolis: Vozes, 2012. 357p.

STECANELA, Nilda. O cotidiano como fonte de pesquisa em ciências sociais. *Conjectura*, v.4, n.1, jan/maio, pp. 63-75, 2009.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*. Tradução de Livia de Oliveira. – Londrina: Eduel, 2013. 247p.

TURKLE, Sherry. *Alone together*. Nova York, Basic Books, 2011. 384 p.

VARELA, F.J.; THOMPSON, E.; ROSCH, E. *The embodied mind: cognitive science and human experience*. Cambridge, MA: MIT Press, 1993.

ZUCKERBERG, Mark. *Postagem de agradecimento e comemoração pela marca de 1 bilhão de acessos*. Facebook, 27 de agosto de 2015. Tradução livre. Disponível em: <https://www.facebook.com/zuck/posts/10102329188394581>. Acesso em 04 de outubro de 2015.

_____. *Postagem de agradecimento e comemoração pela marca de 1 bilhão de usuários do WhatsApp*. Facebook, 01 de fevereiro de 2016. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10102630193612711&set=a.612287952871.2204760.4&type=3> Acesso em 06 de fevereiro de 2016.....